

A festa mais popular do Brasil

UMA FESTA popular que encanta milhares de pessoas desde a Antiguidade até os dias de hoje. No Rio, após anos de esquecimento o Carnaval de rua atrai multidões e conquista cada vez mais pessoas



FERNANDA VIVIANI, ISABELA VALENTE E
CAROLINA LOUREIRO

Conhecido como “o país do Carnaval”, o Brasil tem a festa mais popular do mundo. O desfile de suas escolas de samba é tido como um dos maiores espetáculos da Ter-

ra e uma importante forma de representação da nação. Aqui ele passa por dois extremos: a mercantilização das escolas de samba e o caráter popular dos blocos de rua. Apesar de ter atualmente uma marca tipicamente brasileira, suas origens estão na cultura pagã da Antiguidade, e por toda a sua história fica claro que é um fes-



Com desfiles cada vez mais glamurosos, as escolas de samba se tornaram uma indústria e mercantilizaram o carnaval

tejo popular. Começou com uma procissão, uma dança de primavera com máscaras de demônios protetores e animais da floresta. Ligado ao culto dessa estação do ano, dos deuses campestres e das forças da natureza, era a festa da terra, do vinho e das florestas.

Desde aquela época já tinha um caráter popular, envolvendo todas as camadas da sociedade. Ele se estendia por uma semana, marcada por grandes festas e pela busca dos prazeres materiais. Durante a Idade Média, o Carnaval foi incorporado pelo cristianismo e se tornou uma cerimônia que exaltava a alegria de viver e a prosperidade.

Na Alemanha, e em muitas cidades francesas, reinavam nas ruas os dançarinos que lançavam sobre as pessoas cascas de ovos com água perfumada, flores, ramos e nozes. Podiam também dar pequenos presentes. Havia uma procissão com músicos, marcha ritmada pelo som dos tambores

e dança dirigida pelos tocadores de flautas. Todas as camadas sociais brincavam nas ruas.

Eram divertimentos ligados ao ciclo litúrgico, havia jogos cômicos de caráter satírico, inspirados nas extravagâncias e excessos da sociedade. Formavam-se procissões burlescas que se espalhavam pela cidade e divertiam multidões. Esse foi o olhar de um primeiro momento, antes que a data ganhasse uma repercussão política e um tom elitista, com concursos de canções, poesias e apresentação de obras de arte.

No Brasil a folia chega no século XVIII. Os portugueses não quiseram abrir mão de sua festividade e trouxeram para cá o entrudo, uma forma de jogo praticada pelas camadas mais pobres no Carnaval português. A festa mais popular do país sempre foi celebrada por todas as suas camadas sociais. Na década de 1890 surgem novas maneiras de festejar o Carnaval: são os cordões,

os blocos e os ranchos, que descendem de festas religiosas do período colonial. Porém, a maior transformação foi o surgimento dos clubes, organizações que envolviam a elite da sociedade, com desfiles e fantasias que aos poucos começaram a cair no gosto popular.

A popularidade da data foi percebida pelo prefeito Pereira Passos, do Rio de Janeiro, que a viu como “a única manifestação artística onde todos os grupos sociais poderiam se entender”. Na época, o aumento da população carioca, os imigrantes e diferentes contingentes da população contribuíram para o surgimento de novas formas de brincar o Carnaval, o qual já ia se tornando uma das maiores festas do mundo.

A festa mais popular do Brasil

No Brasil, particularmente nos blocos de rua, também há uma aproximação das classes sociais. É um festejo popular onde os ricos e pobres esquecem suas diferenças e brincam juntos os quatro dias de folia.

Trata-se de uma data do povo, onde há uma transformação dos participantes na massa dos foliões, as identidades são aceitas e os papéis sociais são postos de lado. Não há mais uma hierarquia, é um espetáculo onde a população é livre para ser o que deseja, cria-se uma simulação da realidade, uma necessidade de se despirmos dos papéis do cotidiano para se tornar um folião.

A festividade causa um momento igualitário e de liberdade, com a perda da censura em relação aos demais. Esse é um dos motivos de tanta popularidade.

A data nos mostra que a cultura produzida pelas camadas mais pobres da sociedade não está isolada e estabelece um intercâmbio com diversas manifestações culturais, até mesmo as da elite.

A indústria do Carnaval

Apesar dos blocos de rua, onde toda a população é convidada para brincar e há uma união entre as pessoas que normalmente não estariam no mesmo patamar, existe um outro lado da comemoração que descaracteriza o seu aspecto popular. Nos últimos anos houve uma crescente mercantilização do Carnaval, onde somente os ricos tiveram espaço na folia.



As fantasias dos destaques podem custar mais de R\$ 25 mil

As escolas de samba e o Carnaval de rua da Bahia são um típico exemplo de como as camadas mais pobres podem ser excluídas de um festejo tipicamente feito para o povo. Para desfilarem na Sapucaí, assistir ao espetáculo nos camarotes ou participar dos trios elétricos de Salvador é necessário abrir o bolso sem ressentimento.

A aluna de Comunicação da PUC-Rio, Carolina Taveira, é apaixonada pelos desfiles de escolas de samba, mas nunca teve a oportunidade de ir ao Sambódromo: “Não vou assistir aos desfiles porque é muito caro, e como eu iria acompanhada de outra pessoa, o gasto seria bem maior já que o preço dos camarotes é bem salgado”, diz a estudante. O fato é que nos dias atuais grande parte do Carnaval se tornou uma indústria, tudo é comercial e precisa dar lucro. O festejo virou um espetáculo onde a comunidade perde o destaque para as celebridades.

Alberto Paulista é sapateiro, trabalha para mais de cinco escolas de samba e explica como é o processo para adquirir as fantasias e desfilarem: “Para quem desfila nas alas o preço varia de R\$ 250 até R\$ 750, dependendo da fantasia. Já as musas pagam entre R\$ 15 e 20 mil. O destaque do carro da

Para João Pedro Bastos, as escolas de samba deixam de ser direcionadas para o povo para se tornarem uma empresa

CHRIS MARTINS



escola de samba gasta mais de R\$ 20 mil. Para as pessoas da comunidade basta fazer uma ficha de inscrição, pagar R\$ 50 e ir a todos os ensaios para participar do desfile e ganhar a fantasia”.

Já em 1930 o Carnaval carioca começou a se tornar uma indústria que gerava milhares de empregos diretos e indiretos e movimentava muito dinheiro.

As escolas de samba, que antes eram dirigidas por sambistas e moradores

das comunidades, passaram a ser administradas pelos banqueiros do jogo do bicho com grande influência do tráfico de drogas. Os desfiles foram adequados aos interesses econômicos e assim houve a mercantilização do Carnaval. O povo foi se afastando das arquibancadas e da avenida, dando espaço aos turistas e leigos.

João Pedro Bastos, autor do livro *Acadêmicos, Unidos e Tantas Mais*, afirma que o desfile em si está menos popular por causa dos preços cobrados: “As escolas de samba têm se profissionalizado cada vez mais, elas deixam de ser direcionadas para o povo para se tornarem uma empresa. A Unidos da Tijuca é um exemplo disso. Por ter se tornado muito organizada, elevou seu status. Atualmente os enredos são muitas vezes patrocinados, muitos são marcadamente propagandas”.

Blocos de rua: a revitalização do Carnaval carioca

O Carnaval carioca também é conhecido pelos populares blocos de rua. Uma mistura de pessoas de todos os lugares. A música animada que contagia a todos e faz com que a cidade se sinta em clima de festa durante todo o feriado, faz a folia se tornar popular. Porém, nem sempre foi assim.

Atraindo multidões, o Carnaval de rua carioca voltou à cena após anos de esquecimento





Segundo Lula Branco o carnaval carioca voltou a ganhar força após os anos de 1980

Os primeiros cordões carnavalescos foram registrados em 1889 e havia cerca de 18 grupos integrantes da pequena festa. Atualmente, de acordo com a Riotur, empresa de turismo do município do Rio de Janeiro, existem 400 blocos de todos os tamanhos, espalhados por toda cidade. Tocam samba de todos os tipos; desde as marchinhas de antigamente até o enredo de grandes escolas. Alguns desfilam pelas ruas e praias, enquanto outros ficam concentrados em um só lugar.

Apesar da grande folia que reunia todas as camadas sociais, as escolas de samba e os blocos de rua passaram por um declínio nas décadas de 1970 e 1980. Junto com a chegada da ditadura, veio também um clima triste e obscuro que fez com que o samba de grandes blocos, como Bafo de Onça (popular na década de 1960), caíssem no esquecimento. O advento da ditadura promoveu um afastamento dos foliões dos blocos de rua. Uma possibilidade para tal declínio seriam as questões políticas. Essa fase causou muito desânimo em toda a população. Os grupos formados por jovens eram sempre mal vistos pela repressão e o Rio de Janeiro foi um dos lugares que mais lutaram contra esse movimento.

O jornalista Lula Branco explica como se deu a revitalização dos blocos no Rio de Janeiro: “Os anos de 1980 estavam caídos, mas aí veio gente de fora como o Pedro Luís, cantor e organizador do Monobloco, e aos poucos a folia voltou a ganhar força”.

Nesse mesmo momento, ao lado da Banda de Ipanema e do Cordão do Bola Preta, surgiram o Simpatia é Quase Amor e o Sovaco do Cristo, hoje os mais empenhados na revitalização do Carnaval de rua do Rio de Janeiro.

Os blocos dependem da ajuda de vizinhos,



O Cordão do Bola Preta teve um público de mais de dois milhões de pessoas na sua última edição

amigos e foliões decepcionados com o rumo que tomou o nosso Carnaval. Para Celso Alvim, maestro do grupo Monobloco, existem alguns fatores que ajudaram na volta do Carnaval de rua, entre eles: “A diversidade, que trouxe novos gêneros musicais para o Carnaval, sem excluir o samba e as marchinhas”.

O trabalho teve resultado com o passar dos anos, os ensaios voltaram a encher e as baterias a ter boa qualidade. Lembrando também que a festa é acessível a todos, porque não é exigida a compra de fantasias e camisetas: “Muitos fatos contribuíram para a retomada dessa festa e o principal deles, na minha visão, foi a adesão dos jovens ao Carnaval de rua com a criação de muitos blocos”. Explica Pedro Ernesto, organizador do Cordão da Bola Preta.

Atualmente muitos bairros já possuem o seu bloco, sem restrição de raça, religião e gosto. Segundo a advogada, Fernanda MacDowell, o Carnaval é o feriado mais esperado do ano. Ela disse que vai a pelo menos dez blocos, e em todos inventa uma fantasia diferente: “Para mim não existe época igual ao Carnaval. Gosto muito de ir à avenida, mas também não perco um bloco. A única coisa que pode me impedir é a distância. Fora isso não importa a hora, estarei lá. Acredito também que para tornar o bloco melhor, vale muito a pena usar adereços criativos e ir junto de amigos bem animados”.

Já a estudante Maria Beatriz Bragança completa: “Sou apaixonada por Carnaval. Em 2011 fui a sete blocos e se pudesse teria ido a mais. Acho

incrível como o clima desse feriado é capaz de transformar qualquer um e fazer com que possamos esquecer os nossos problemas”, diz a universitária.

Tudo isso ajudou a consolidar o Carnaval de rua como um fenômeno de festa popular, uma festa que une a cidade inteira. Como diz o cantor e compositor Nelson Sargento, “o samba agoniza, mas não morre”.

O número de foliões aumenta a cada ano e o

Cordão da Bola Preta é um exemplo disso. “Acreditamos que o público seja superior a dois milhões de pessoas, tendo em vista que no último Carnaval, mesmo com chuva, o público bateu essa marca e nos tornamos o maior bloco de Carnaval do mundo. A característica marcante do Carnaval de rua é que as pessoas não têm compromisso com fantasia, dinheiro, enfim, todos brincam e se divertem para valer”, diz Pedro Ernesto, organizador do bloco. **POP!**

Monobloco: a retomada do Carnaval de rua

Eclética fez uma entrevista com Pedro Luís, líder do Monobloco

Eclética

Como o Monobloco funciona durante o ano, tirando a época de Carnaval?

Pedro Luís

- Nossas atividades durante o ano são as oficinas de percussão, que formam a nossa bateria para o Carnaval e as apresentações do Monobloco Show pelo Brasil inteiro.

E - Qual é o número de pessoas esperado para o próximo desfile?

PL - A gente não se preocupa em quebrar recordes ou superar outros blocos quanto ao número de foliões. Nossa preocupação é realizar o desfile com alegria, organização e atendendo às exigências dos órgãos públicos.

E - Na sua opinião, como se deu a recuperação dos blocos de rua do Rio de Janeiro e por que as pessoas gostam tanto dos blocos?

PL - Para mim existem dois fatores: a diversidade musical, que trouxe novos gêneros para o Carnaval, sem excluir o samba e as marchinhas, e as oficinas de percussão que permitiram às pessoas brincarem o Carnaval tocando um instrumento.



O Monobloco foi um dos responsáveis pela revitalização do Carnaval de rua no Rio de Janeiro